

As artes plásticas e as comunicações na Democracia

Cristina Weber

Se a filatelia refletiu o panorama da pintura portuguesa nos períodos relativos à I República e ao Estado Novo, o mesmo não se pode dizer relativamente ao período da Democracia. Igualmente, neste período, não existem exemplos de obras arquitetónicas notáveis no contexto das comunicações.

Contudo, parece-nos importante destacar pelo menos três acontecimentos do universo das artes, muito representativos do contexto artístico português, e diretamente ligados ao setor das comunicações – as exposições comemorativas dos dez anos da Fundação Portuguesa das Comunicações, em 2007, e as exposições comemorativas do Dia Mundial dos Correios de 2009 e do Dia Mundial das Telecomunicações de 2010, como adiante veremos.

Ao contrário do capítulo anterior, em que as manifestações artísticas surgem intrinsecamente ligadas à atividade das comunicações – o selo é taxa de pagamento de um serviço e a arquitetura o local de instalação dos serviços –, neste capítulo, para além da análise da filatelia no contexto da Democracia, iremos sobretudo apresentar exemplos de manifestações artísticas independentes da atividade profissional dos serviços de comunicações mas nas quais a comunicação está presente como elemento concetual ou integrante das obras.

A arte filatélica

A temática filatélica deste período – 1974 a 2010 – manteve a sua lógica de divulgação e comemoração de acontecimentos, personalidades e valores, mas re-

velou um maior empenho na missão educativa para a cidadania e na divulgação do património português.

Manifestou essa atitude educativa através da consagração de campanhas diversas com temas de emissões filatélicas, tais como a proteção da natureza e dos recursos naturais, o combate ao tabagismo, ao alcoolismo ou à droga, ou ainda a segurança rodoviária (**imagem 1**).



Ao lado: O transporte de correio aéreo (pormenor), Maria Keil, 1942 (arquivo iconográfico da FPC).

Imagem 2



«1975 – Ano Europeu da Protecção do Património Arquitectónico», com desenho de José Rodrigues, 1975.



«5 Séculos de Azulejos em Portugal» motivo do século XVI, com desenho dos Serviços de Filatelia dos CTT, 1981.



«Pintura Portuguesa do século XX»: Amadeu de Souza Cardoso, 1988.



«Palácios Nacionais»: Palácio de Queluz, com desenho de Luiz Duran e Carlos Leitão, 1989.



«Ourivesaria Portuguesa. Tesouros Reais»: o Diadema de Coral da Rainha D. Maria Pia, com desenho de Vítor Santos, 1992.



«50 Anos do Surrealismo em Portugal»: António Pedro, com desenho de Vítor Santos, 1999.

Quanto à divulgação do património português, marcadamente assumida nos últimos trinta anos, ela resulta da tendência internacional de patrimonialização material e imaterial das várias atividades do homem assim como da preocupação com a conservação da natureza e com a sustentabilidade do planeta. A sociedade globalizada, o predomínio da cultura urbana e a tendência para a homogeneidade segundo o modelo europeu e norte-americano criaram no homem contemporâneo a necessidade de preservar os testemunhos ancestrais que constituem o seu património identitário (imagem 2).

O próprio conceito de património alargou-se nos últimos cinquenta anos, abrangendo hoje não apenas as tradicionais manifestações ligadas à arquitetura e às

artes plásticas, mas também as manifestações ligadas à literatura, à natureza e, sobretudo, às produções etnográficas como utensílios de trabalho, de artesanato e até de gastronomia (imagem 3).

Este alargamento do conceito de património manifesta-se na produção filatélica enquanto memorial de realidades tão ricas e diversificadas, de que podemos apontar emissões como as de 1975 – Emissão Comemorativa do Ano Europeu de Protecção do Património Arquitectónico; 1981 – Emissão «Cães de Raça Portuguesa»; 1981-1983 – Emissão «Instrumentos de Trabalho» (quarto, quinto e sexto grupos de valores); 1989 – Emissão «Palácios Nacionais»; 1999 – Emissão «Doces Conventuais» (primeiro grupo).

Imagem 3



«Reservas e Parques Naturais Portugueses» com desenho de José Pedro Martins Barata, 1985.



«Protecção da Natureza – Portugal. O lince-ibérico», com desenho de José Projecto, 1988.



«Moinhos de Vento»: fixo de Afife, com desenho de Isabel Botelho, 1989.

Mas não podemos deixar de observar que durante a Democracia, tal como no período do Estado Novo, a filatelia portuguesa teve como objetivos homenagear certas personalidades portuguesas ou celebrar efemérides relativas a certas instituições com importância na sociedade portuguesa. Tais foram os casos das emissões, respetivamente, relativas às personalidades de Santo António, do pintor Amadeu de Souza-Cardoso, ou do matemático Pedro Nunes, ou as relativas às efemérides de instituições como o centenário dos caminhos-de-ferro do Douro, os 25 anos da EFTA ou os 75 anos da GNR (imagem 4).

A filatelia desempenhou também um importante papel na divulgação de acontecimentos contemporâneos, tais como os comemorativos dos anos mundiais (Ano Mundial das Comunicações), dos Jogos Olímpicos ou das grandes exposições internacionais como a Europália e a Expo 98 (imagem 5).

Imagem 4



«1.º Centenário do Caminho de Ferro a Norte do Rio Douro», com desenho dos Serviços Artísticos dos CTT, 1977.

«4.º Centenário da Morte de Pedro Nunes», com desenho dos Serviços Artísticos dos CTT, 1978.



«25.º Aniversário da EFTA. Associação Europeia de Comércio Livre», com desenho de Acácio Santos, 1985.

«100 Anos da Morte de Eça de Queiroz», com desenho de Luis Filipe de Abreu, 2000.



Imagem 5



«Ano Internacional da Mulher», com desenho de Maria Keil, 1975.

«1988 – Ano Internacional do Paz», com desenho de José Cândido, representando o símbolo das Nações Unidas, 1988.



«Ano Europeu do Ambiente», com desenho de Carlos Calvet, 1987.

«Ano Internacional dos Desertos e da Desertificação», com desenho de João Machado, 2006.



Tema naturalmente privilegiado nas emissões filatélicas é o da própria comunicação, em termos alargados, como os meios de transporte, ou mais circunscrito à área dos serviços postais ou de telecomunicações. E as práticas colecionistas ligadas à filatelia também estão naturalmente presentes com emissões dedicadas a mostras como a Lubrapex, a Interphil 76 ou a Philexfrance 82 (imagem 6).

Imagem 6



«1.º Centenário da Inauguração da Rede Telefónica Pública em Portugal», com desenho de José Brandão, 1982.



«Marcos e Caixas de Correio», com desenho de Carlos Leitão, 1993.

Outra característica patente das emissões filatélicas destes últimos trinta anos é a divulgação das regiões autónomas da Madeira e dos Açores, através das quais se mostra a fauna, a flora, a arquitetura, a arte e variadíssimos aspetos etnográficos como, por exemplo, as embarcações de pesca, o artesanato e os típicos transportes, profissões e trajos (**imagem 7**).

A história de Portugal, que no período do Estado Novo dominou francamente os temas filatélicos com uma função propagandística alinhada com a «política do espírito», continua presente nas emissões filatélicas da Democracia ainda que com uma motivação ligada à conservação da memória e como elemento identitário da cultura portuguesa.

Temática recorrente na filatelia destes últimos trinta e cinco anos é a relacionada com a Comunidade Europeia de que destacamos: 1982 – 25.º Aniversário da Comunidade Económica Europeia (CEE); 1989 – «Eleições para o Parlamento Europeu»; 1992 – Emissão «Presidência Portuguesa das Comunidades Europeias»; 2007 – Emissão Comemorativa dos «50 Anos da Assinatura do Tratado de Roma» (**imagem 8**).

Entre o período da I República e o fim do Estado Novo, foram realizadas seis emissões filatélicas dedicadas aos valores da República: Ceres (1912), Lusíadas (1931), General Carmona (1934), Presidente Carmona (1945), Comemoração do Cinquentenário

da República (1960) e o Centenário do Nascimento do Marechal Carmona (1970).

Do 25 Abril à atualidade, registamos vinte e três emissões que consagram o ideal da República no quadro da Democracia: 1974 – Emissão Comemorativa do Movimento das Forças Armadas de 25 de Abril; 1975 – Emissão Comemorativa do Aniversário do Movimento de 25 de Abril; 1975 – Emissão Comemorativa de Abertura da Assembleia Constituinte; 1976 – Emissão Alusiva à Consolidação das Instituições Democráticas; 1979 – Emissão «Grandes Vultos do Pensamento Republicano»; 1980 – Emissão «Grandes Vultos do Pensamento Republicano» (segunda série); 1981 – Emissão Comemorativa do «1.º de Maio, Dia do Trabalhador»; 1984 – Emissão Comemorativa do 10.º Aniversário da Revolução de 25 de Abril de 1974; 1990 – Emissão «Datas da História de Portugal», 1.º centenário de *A Portuguesa*; 1994 – Emissão Comemorativa do «20.º Aniversário do 25 de Abril»; 1999 – Emissão Comemorativa dos 50 Anos da Candidatura do General Norton de Matos à Presidência da República; 1999 – Emissão Comemorativa dos «25 Anos da Revolução do 25 de Abril de 1974»; 2000 – Emissão Comemorativa dos 25 Anos da Abertura da Assembleia Constituinte; 2001 – Emissão Comemorativa dos 25 Anos da Constituição da República Portuguesa; 2004 – Emissão Comemorativa do Movimento das Forças Armadas de 25 de Abril de 1974; 2004 – Emis-

Imagem 7



«Açores – Arquitectura Regional. Os Impérios do Espírito Santo», com desenho de José Cândido, 1982.



«Madeira – Etnografia Regional»: o brinco, com desenho de Thomaz de Mello (Tom), 1982.



«Artesanato da Madeira»: mobiliário em vime, com desenho de Fernando Coelho, 1994.



«Flores dos Açores», com desenho de Pedro Salgado, 2002.

Imagem 8



«25.º Aniversário da C.E.E.», com desenho de Acácio Santos, 1982.



«Eleições para o Parlamento Europeu», com desenho de José Brandão, 1989.



«50 Anos do Tratado de Roma», com desenho de João Machado, 2007.

Imagem 9



«Consolidação das Instituições Democráticas», com desenho dos Serviços Artísticos dos CTT, 1976.

«Grandes Vultos do Pensamento Republicano»: António José de Almeida, com desenho de Victor Ramos, 1979.

«20.º Aniversário do 25 de Abril», com desenho de Armando Neves, 1994.

«Os 50 anos da Candidatura do General Norton de Matos à Presidência da República», com desenho de José Brandão, 1999.

«25 Anos da Revolução de 25 de Abril de 1974», com desenho de Luiz Duran e João Machado, 1999.

«25 Anos da Abertura da Assembleia Constituinte», com desenho de João Machado, 2000.

«25 Anos da Constituição da República Portuguesa», com desenho de Luiz Duran, 2001.

«Símbolos da República», com desenho de João Machado, 2007.

«O Ideário Republicano», com desenho de João Machado, 2007.

são «25 de Abril – 30 Anos de Democracia»; 2007 – Emissão «Símbolos da República»; 2008 – Emissão «O Ideário Republicano»; 2009 – Emissão «Mulheres da República»; 2010 – Cem Anos da Implantação da República – Bustos da República; 2010 – Cem Anos da Implantação da República – Assembleia da República; 2010 – Cem Anos da Implantação da República – Ceres; 2010 – Cem Anos da Implantação da República – Os Jovens e a República (imagem 9).

As exposições da Fundação Portuguesa das Comunicações

Não podemos demonstrar toda a riqueza da arte portuguesa apenas com a abordagem da arte filatélica. E também não é, apenas, através desta expressão artística que se esgota a relação entre a arte e o Museu das Comunicações. Seleccionámos três exposições, das muitas realizadas desde 1997, por duas razões: por um lado, porque elas são muito representativas

do panorama artístico; por outro, porque foram produzidas, acompanhadas, estudadas, divulgadas e comunicadas com a colaboração do Museu. Passamos a explicar as razões para a sua seleção.

Depois da implantação da Democracia os propósitos dos artistas passam a ser bem diferentes quer do naturalismo da República, quer das propostas de rutura da arte moderna e vanguardas modernistas.

Falar na arte portuguesa durante a fase da Democracia equivale a falar em arte contemporânea que reflete as importantes mudanças no mundo e na relação espaço-tempo, as quais transformaram globalmente a sociedade e se repercutiram na sensibilidade dos artistas portugueses.

Até ao 25 de Abril de 1974, os artistas viveram onerados com o peso da Guerra Colonial, isolados pela censura e controlados pela polícia política, potenciando o aparecimento do neo-realismo, do abstracionismo e do surrealismo. Após a conquista da Democracia e da liberdade de expressão, a arte refletiu outros obje-

tivos. Não busca o belo, o novo e o espanto como as vanguardas da primeira metade do século XX.

A arte contemporânea propõe, através de uma maior pluralidade expressiva, um espírito de experimentação favorecido pelas inovações tecnológicas. As artes tornaram-se um outro veículo de crítica e de construção, desde as artes plásticas ao cinema, à literatura, à dança, à música. Não existem estilos ou movimentos como as vanguardas modernas. Desenvolve-se uma pluralidade de estilos, de linguagens contraditórias e independentes, convivendo em paralelo.

Esta produção mais diversificada e personalizada revela uma preocupação com o desenvolvimento urbano e suburbano, dedica especial atenção à salvaguarda do património, às questões ambientais, humanitárias, políticas e do quotidiano.

Outras características da arte contemporânea são o uso de temáticas versando o corpo e o comportamento assim como a utilização dos multimédia e dos mais variados materiais, formas e técnicas.

Apontam-se como fatores potenciadores da expressão artística contemporânea, por um lado, o surgimento de um mercado de arte mais especulativo e, por outro, os contactos com escolas e artistas estrangeiros. Surgem, por todo o País, galerias e locais de exposição, mais publicações, mais artistas e amantes

das artes. Estes fatores facilitam a divulgação e familiarização com a arte e desenvolvem condições para uma projeção internacional de autores e obras.

Podemos observar nas obras de videoarte criadas para a exposição «Por Entre as Linhas», que, para a arte, as novas tecnologias não significam o fim, mas um meio à disposição da liberdade do artista, para questionar o próprio visível, alterar a percepção, propor um enigma e não mais uma visão pronta do mundo.

Mas uma das mais importantes condições das obras contemporâneas é a exigência de uma determinada atenção, de um olhar interpretativo do espetador.

A arte contemporânea desenvolveu-se ao longo do século XX, até à presente primeira década do século XXI, através de movimentos variados segundo ideias de pluralismo e mundialização. Não existe um estilo representativo da arte contemporânea mas uma grande variedade de estilos, nomeadamente, a abstração geométrica, o hiper-realismo, o fotorrealismo, o expressionismo, o minimalismo, a abstração lírica, a *op art*, a *pop art*, o expressionismo abstrato, a arte concetual, a arte povera, o minimalismo, a *body art*, a *internet art* e a *street art* (ou arte de rua), baseada na cultura do grafite e inspirada na geração *hip-hop*, interpretada, muitas vezes, como vandalismo.

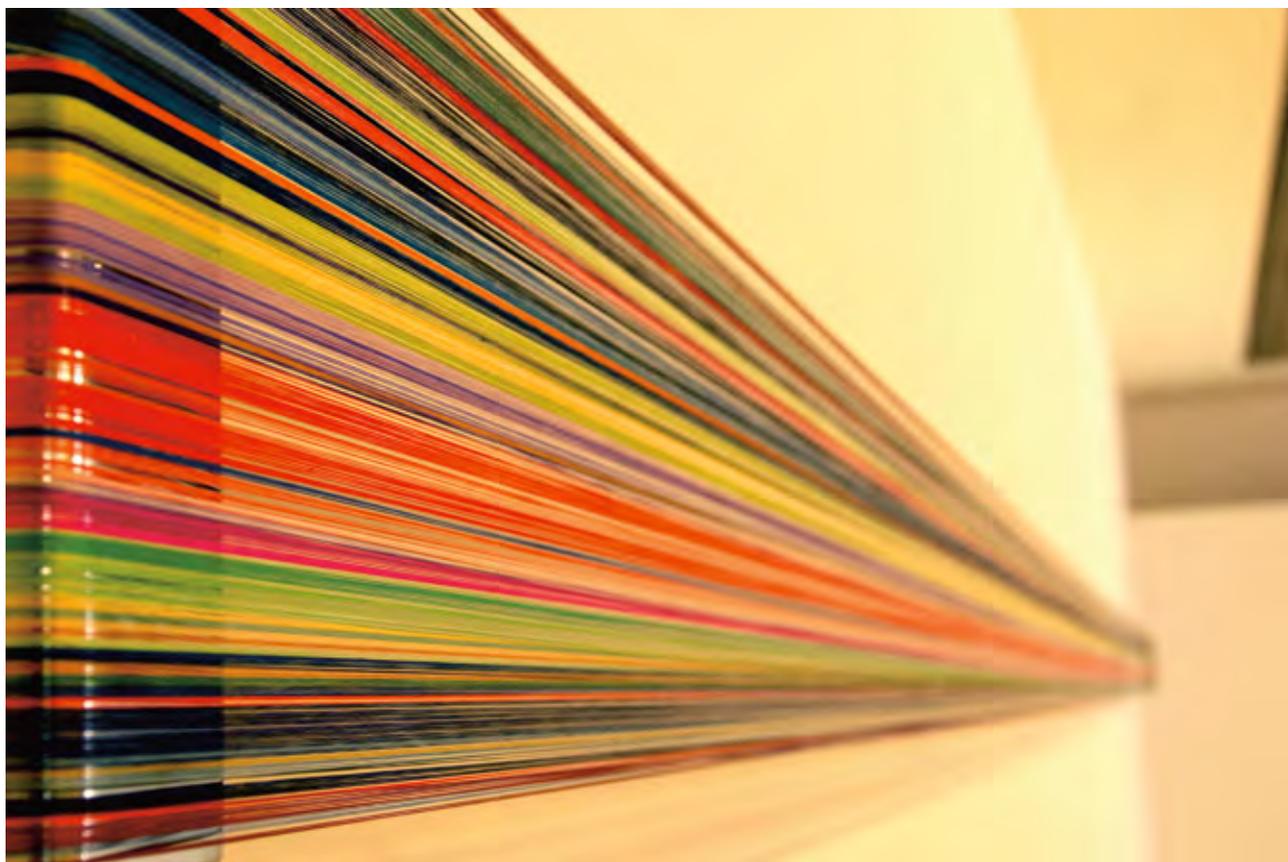


Imagem 10. «Não ligar#1», Fernanda Fragateiro, 2007.

«Por Entre as Linhas»

Esta exposição, comemorativa dos dez anos da Fundação Portuguesa das Comunicações, reuniu dez artistas contemporâneos – Vasco Araújo, Pedro Barateiro, Filipa César, Luisa Cunha, Fernanda Fragateiro, André Guedes, Ana Jotta, António Olaio, Miguel Palma, Fernando José Pereira – para criarem obras de raiz e específicas para a exposição a partir do acervo do Museu (exposto ou em reserva), explorando a relação entre a arte e a tecnologia com a comunicação, tendo como referência a proposta curatorial de Isabel Carlos.



Imagem 11. «Não ligar#2», Fernanda Fragateiro, 2007.

A comissária da exposição descreve-a assim: «Por Entre as Linhas» é então uma exposição em que se pretende falar sobre comunicação, mas também sobre arte, mas consciente dos limites e das armadilhas que tal tarefa pode envolver. (...) A palavra “linha” é comum tanto ao vocabulário artístico – desenhar ou riscar uma linha num papel – como ao vocabulário da escrita e da leitura – ler por entre as linhas – bem como ao vocabulário das telecomunicações: linhas telefónicas, ligações, cabos, trabalhar ou estar em linha».

Mas a opção por este título neste contexto é intencional e assumidamente uma homenagem a um dos artistas atuais que levou mais longe a reflexão sobre arte e comunicação: Antoni Montadas (Barcelona,



Imagem 12. Instalação sonora «The Red Phone», Luísa Cunha, 2007.

1942; vive e trabalha em Nova Iorque)». De acordo com as características da arte contemporânea portuguesa a exposição «Por Entre as Linhas» apresenta um conjunto de obras pautadas pela pluralidade expressiva, espírito de experimentação e uma criatividade facilitada, em certos casos, pelas inovações tecnológicas. Por necessidade de síntese escolhemos apenas três das vinte e três obras que constituem a exposição.

Fernanda Fragateiro criou duas instalações sobre o conceito de «por entre as linhas» tomando como base de trabalho os «acervos» de materiais descontínuados do património de comunicações da Fundação Portuguesa das Comunicações e da retrosaria Casa Tavares & Tavares. Segundo Isabel Carlos, «*Não Ligar #1* poderia, assim, ser tanto uma tela como um detalhe de uma fachada de um edifício, mas é uma escultura... que resulta do acto corporal sucessivamente repetido de unir dois pontos, no que poderá ser visto quase como uma coreografia obsessiva e circular, mais precisamente duas barras verticais de aço inox que ficam ligadas através da linha de seda física e táctil. (...) a obra possui uma exigência laboral e conceptual ao redimir do esquecimento os restos de linhas de uma retrosaria antiga e transformá-las em objecto de desejo e contemplação, em obra de arte. (...) Fernanda Fragateiro cruza nestas obras, ou talvez melhor, une (...) Modernismo e Feminismo.» (imagens 10 e 11)



Imagem 13. Vídeo «Letters», Filipa César, 2000.

The Red Phone, de Luísa Cunha, é uma instalação sonora. A seu propósito Nuno Crespo (crítico de arte e ensaísta) escreveu: «a esta voz corresponde a possibilidade de num mundo em que muito pouco se pode dizer o mais decisivo fica não-dito, nas palavras que se subentendem mas não são proferidas. *The Red Phone* vive no intervalo “entre” aquilo que se diz e o que verdadeiramente se quer dizer: é esta a sua condição.» (imagem 12).

Por seu lado, Filipa César realizou para o efeito o vídeo *Letters* (2000) que, segundo as palavras de Paz Aburto Guevara (curadora de videoarte), «constrói um díptico da estação dos correios. O vídeo consiste na união de duas cenas em forma de espelho. Homens de um lado

e mulheres do outro convergem ao aproximarem-se do *guichet* do correio para enviarem as suas cartas. (...) Através da montagem do díptico, o acto solitário duplica-se e a confrontação dos sujeitos suscita a ficção de um encontro e a sua fatal rutura amorosa. (...) A partir do meio audiovisual do vídeo, Filipa César expõe a atual hegemonia da imagem sobre o texto. Tecnicamente, a escrita e a voz são substituídas pela imagem e pelo tom de vídeo.» (imagem 13).

tais e, por isso, postais, envelopes, selos ou carimbos postais são alguns dos suportes em que é possível a expressão desta arte. Os artistas de *mail-art* utilizam principalmente técnicas como colagens, fotos, escrita, pintura ou arte digital. A única limitação real à utilização de diferentes técnicas e suportes é a possibilidade de envio dos trabalhos pelos serviços postais.» (imagem 14). Não podemos ignorar nesta exposição as peças de Cruzeiro Seixas para Mário Cesariny, de

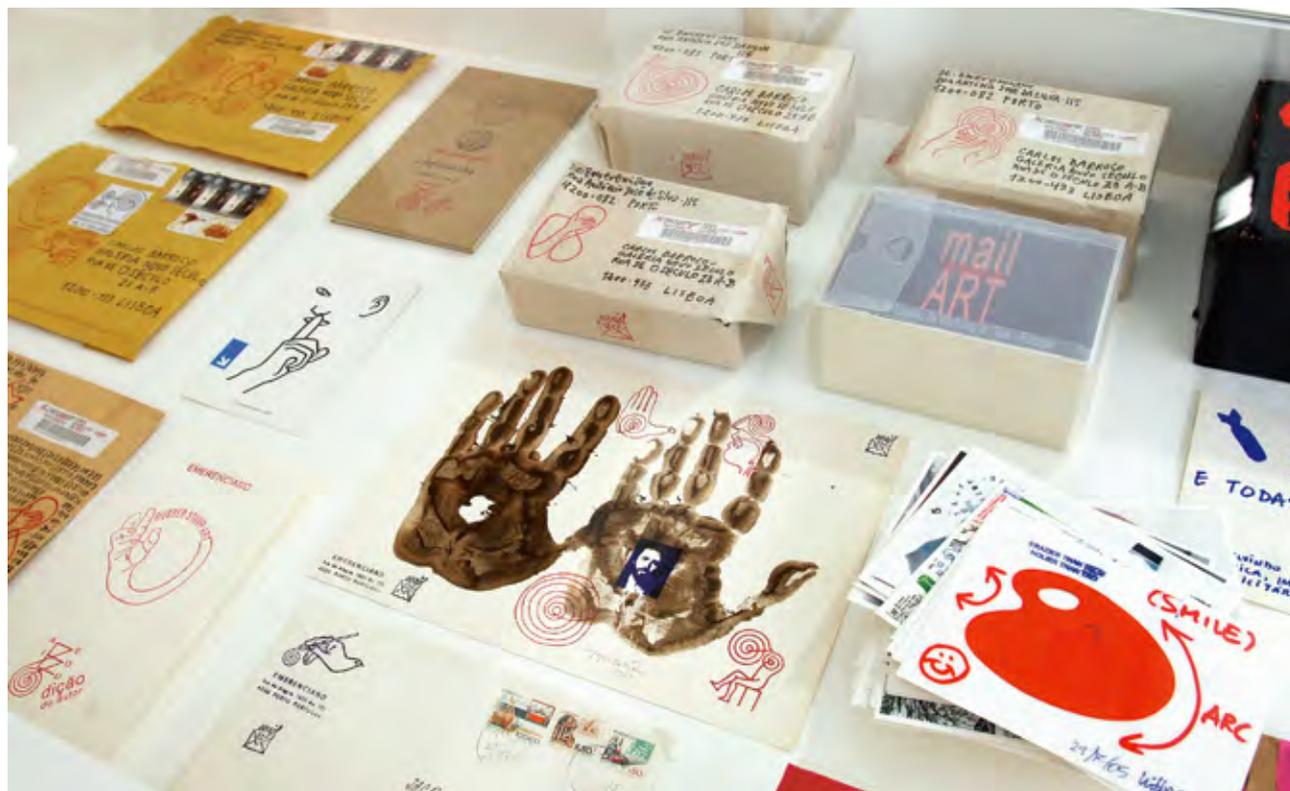


Imagem 14. Objetos de arte postal de Emerenciano e outros artistas, 2009.

«Em Trânsito»

António Areal, Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Mário Cesariny, Leal do Zêzere, Ana Hatherly, António Olaio e Emerenciano são apenas oito dos oitenta artistas nacionais e estrangeiros representados nesta exposição dedicada à arte postal, comissariada por Carlos Barroco, também artista com obras apresentadas.

A arte postal ou *mail art* teve origem em Nova Iorque em meados do século XX pela mão de alguns artistas do grupo Fluxus. A atividade artística deste grupo caracterizou-se pela criação de *happenings*, *events* e *activites*, intervindo e criando situações fora do seu contexto normal. Esta atitude, considerada por muitos revolucionária, exerceu uma enorme influência na arte concetual, na videoarte, nos livros de artista, nos *happenings* e na arte postal.

Segundo o comissário da exposição, a arte postal «tem como veículo de transmissão os serviços pos-

1957, e, de 1961, um envelope desenhado de João Rodrigues, para Cruzeiro Seixas. Mas a maioria das obras foram realizadas e circuladas nos anos 80 e 90 do século XX, sabendo que Seixas e Cesariny, inicialmente adeptos da vanguarda modernista neo-realista dos anos 40, evoluíram, em finais dessa década, ao lado de Vespeira, Carlos Calvet, Lemos, Eurico Gonçalves e António Areal, para o surrealismo, inovador no plano político e estético.

Os desenhos de Artur do Cruzeiro Seixas são de execução minuciosa e nos variados modos explora imagens visuais de um mundo onírico que abarca uma vasta gama de questões e atitudes fundamentais perante o mundo.

Ernesto de Melo e Castro (poeta e ensaísta, 1932) escreveu no catálogo da exposição: «mas se o correio para ser correio (e não “correia” ou arma de punição) não deve interferir nas mensagens que transporta, as mensagens, essas, podem e devem interferir na



Imagem 15. Beta Comae Berenicis 3721, Daniela Ribeiro, 2010.

natureza e função da instituição que as transporta. É essa a descoberta da arte-correio, a sua novidade e a sua força: transformar um simples serviço público transportador ou veículo neutro do ponto de vista semântico, num produtor de cultura, num gerador de criatividade. (...) É no plural e na escala do globo terrestre que a arte-correio se realiza, fora e para além dos pequenos e interesseiros circuitos da arte e dos meios de comunicação ditos sociais. (...) ela é mais uma forma da estética da transgressão que em vez de ser facilmente absorvida pelo mercado da arte (como tem acontecido a tantas vanguardas), antes pelo contrário se serve de uma instituição para difundir à escala global (no limite) valores que são adversos a esse sistema e que se projectam numa imagem ainda esfumada: a utopia do homem que herdará os nossos erros e acertos, mas que, com maior ou menor intensidade, começa já a habitar dentro de muita gente: o homem global.»

Olho Biônico, Ensaio de Comunicação

Para celebrar o Dia Mundial das Telecomunicações de 2010 foi realizada a exposição «Olho Biônico, Ensaio de Comunicação», de Daniela Ribeiro, que, através dos desperdícios tecnológicos de dois mil telemóveis construiu catorze olhos biônicos (**imagem 15**).

Filipa Oliveira (crítica de arte da *L+Arte*), que apresentou no catálogo da exposição a obra de Daniela, refere-se-lhe da seguinte forma: «Daniela Ribeiro

parte então do conceito de visão artificial para conceber um conjunto de trabalhos que reflectem sobre os desenvolvimentos possíveis em torno desta invenção científica. Assim, em cima de fotografias de diversos olhos (...) reconstrói as retinas com partes de telemóveis. São jogos de cor e de formas, criando uma espécie de *puzzles* sofisticados, construções quase caleidoscópicas que emulam a ideia de um olho mecânico. (...) este mecanismo pode ser visto como o novo meio de comunicação do futuro, um verdadeiro *eye-phone*, uma vez que esta tecnologia poderia permitir ligar o cérebro não só aos respetivos olhos, à internet, e a tantas valências. (...) Se esta utopia comunicacional tem uma dimensão profundamente positiva pode, ao invés, ser vista como um pouco “orwelliana”.» Daniela Ribeiro, apaixonada pela natureza e pelo contributo da biónica, acrescenta: «o corpo humano deixa de ser uma torre estática nas suas medidas, mas uma ponte flexível que nos liga a todos e a tudo. Não é já algo que se tenha de preservar como sempre foi, mas sim um campo de investigação e aperfeiçoamento.» Independentemente dos diversos significados e propósitos de carácter simbólico que se depreendem da observação visual e do texto da artista, as obras desta exposição vivem, sobretudo, de efeitos estéticos e visuais algo ilusionísticos, representados em função da associação de diferentes objetos em escala inusual. Este propósito estético é aliás confirmado pelo recurso à tridimensionalidade expresso no catálogo que acompanhou a exposição.